



## **AS GEOGRAFIAS DA SALA DE AULA: ENSINANDO E APRENDENDO COM OS ITANS**

**Denise David Caxias**  
denisecaxias@id.uff.br<sup>1</sup>

**Júlio Guills Mattos dos Santos**  
guillssantos@gmail.com<sup>2</sup>

### **Resumo**

*Este trabalho se propôs a apresentar a leitura de itans como recurso didático para aprender e ensinar geografia. Para isso, apresentou-se o conceito de itans e uma proposta de como abordá-lo nas aulas de geografia por meio de temas/conteúdos do currículo básico. Foi exposta neste texto uma aula como exemplo de aplicação da proposta, assim como uma reflexão da mesma. Buscou-se dialogar com a geografia física a parte da ideia da integração sociedade/natureza, a geografia das representações e a perspectiva afrocentrada baseada na lei 10.639. Desta forma, espera-se contribuir para que haja diversidade nas geografias ensinadas e apreendidas mediadas pelos itans compondo uma educação afrocentrada.*

**Palavras-chave:** Ensino de geografia, *itans*, recurso didático.

### **Introdução**

O ensino de geografia tem sido um grande desafio para os professores que estão engajados em transformar suas salas de aula em momentos de ensino aprendizagem que façam sentido para os estudantes. É pensando e atuando nesse processo que estamos propondo nesse texto uma reflexão da prática educativa construída pelo professor Júlio para suas aulas de geografia na rede básica de ensino, fundamental II, e que tem apresentado desafios, mas já aponta um horizonte de sucesso. Esse trabalho é um respiro de alívio frente aos atuais ataques a cultura negra no Brasil, apesar da Lei 10.639<sup>3</sup> estar em vigor. A proposta desenvolvida pelo professor consistiu em analisar as prescrições curriculares para geografia no 6º ano do ensino

---

<sup>1</sup> Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação/ IFRJ, mestra em Geografia/ UERJ. Este trabalho é resultado de discussões entre os autores sobre a importância do ensino de geografia no combate ao preconceito religioso sobre a história do continente africano, a prática educativa aqui apresentada foi realizada pelo professor Júlio em sua turma de 6º ano.

<sup>2</sup> Licenciado em Geografia/ UFF, professor da educação básica na rede privada em Niterói, RJ.

<sup>3</sup> A lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, consiste em tornar obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, no âmbito de todo currículo escolar.



fundamental e buscar alternativas metodológicas de ensino que permitissem dialogar com os conteúdos geográficos e a cultura iorubá.

Percebeu-se que o foco colocado para a disciplina está voltado para o reconhecimento de alguns conceitos básicos, são eles: espaço, lugar e paisagem, onde o último é aprofundado e dividido através dos estudos sobre:

- a) O Planeta Terra e suas esferas (biosfera, atmosfera, litosfera e hidrosfera);
- b) Dinâmica do relevo e as paisagens terrestres;
- c) Ação das águas e as paisagens da Terra;
- d) O tempo, o clima e as paisagens do nosso planeta.

Esse “currículo” geral não compreende toda a grade de conteúdos do 6º ano, ele engendra os princípios gerais, e assim, permite a realização da atividade proposta. Dessa forma, a partir desta constatação referente ao currículo, o professor optou por ensinar e aprender geografia tendo como mediação os *itans*. “A palavra nagô *itán* designa não só qualquer tipo de conto, mas também essencialmente os *itán àtowódówó*, histórias de tempos imemoriais, mitos, recitações, transmitidos oralmente de uma geração a outra, particularmente, pelos *babaláwos* que são os sacerdotes do oráculo *Ifá*” (PÓVOAS, 2004, p.11).

Isto posto, fez-se um resgate nos *itans* descritos em Prandi (2001) e dessa forma, foi possível estabelecer diálogos entre os mitos dos Orixás e as manifestações naturais da Terra, bem como práticas sociais e econômicas:

- a) Águas salgadas: Yemanjá;
- b) Águas paradas (lagos): Nanã Buruku;
- c) Águas fluviais: Oxum;
- d) Águas de nascentes: Ewá;
- e) Matas e florestas: Oxóssi;
- f) Ervas medicinais: Ossain;
- g) Chuvas e arco-íris: Oxumaré;
- h) Ventos, raios e relâmpagos: Yansã;
- i) Ferro, guerra, tecnologia e agricultura: Ogum.



Acreditamos que analisar o espaço geográfico e as paisagens, a partir da leitura dos *itans* para adentrar os conteúdos “essencialmente curriculares”, proporciona aos estudantes uma outra forma de ler e interpretar o mundo. Forma esta, que é subjugada e acometida pelo epistemicídio (a invisibilização, a recusa da produção africana de conhecimento), característico da colonialidade do saber, que não reconhece e ataca as manifestações que se propõem a construir conhecimento que não sejam marcadas pelo eurocentrismo. A mediação no processo ensino-aprendizagem pelos *itans* se constitui como um recurso didático com duplo desempenho: trazer uma aprendizagem mais efetiva e construir uma aula afrocentrada (NOGUEIRA JR, 2010).

Compreendemos como recurso didático “todo material utilizado como auxílio no ensino - aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos” (SOUZA, 2007, p.111). A aplicabilidade dos *itans* como recurso didático só foi e é possível, de forma cotidiana, porque a escola propõe uma prática de autonomia docente no que tange a construção e adequação do currículo e das práticas educativas. A escola em que foram realizadas as atividades localiza-se em um bairro nobre da cidade de Niterói, RJ, onde os alunos que a compõe são de classe média e classe média alta, e todos os alunos presentes na turma em que foram realizadas as atividades são brancos e o professor Júlio é negro.

Sinalizamos essas diferenças para compreendermos a importância do tema no respeito à alteridade. O professor buscou desenvolver um currículo base para os temas gerais, conforme já exposto, considerando os elementos constitutivos da afrocentricidade, que, segundo Nogueira Junior, podem ser compreendidos entre as relações ser humano, natureza e conhecimento:

Essas bases (**curriculares**) precisam estar de acordo com os elementos constitutivos da afrocentricidade. As concepções de ser humano, de natureza e de conhecimento são especialmente importantes para uma fundamentação filosófica afrocentrada da educação. Inquirir o que é o ser humano, a natureza e o conhecimento é uma forma de encaminhar uma interrogação filosófica em prol de uma fundamentação afrocentrada. Mas, a primeira ressalva é que ser humano, natureza e conhecimento não existem isoladamente numa perspectiva afrocentrada. Deste modo, a coextensividade entre humano, natureza e conhecimento exige uma abordagem conjunta (NOGUEIRA JUNIOR, 2010, p. 5, grifo nosso).

Pensar e fazer uma aula de geografia afrocentrada requer uma outra leitura da concepção sociedade/natureza. Suertegaray afirma:

A geografia aprendida, ensinada e praticada parte de um conceito de natureza único, o conceito hegemônico e fundante da cultura ocidental – a natureza como outro, externo a sociedade. O debate atual sobre essa visão externalizada está tencionando,



epistemologicamente, o conhecimento geográfico. De que natureza falam os geógrafos? É preciso pensar. A fala revela a intencionalidade, a fala e o fazer revelam o método. Não há um único método; estes constituem também indicações de cada um no mundo, eu no mundo, nós no mundo (SUERTEGARAY, 2017, p. 148).

Partindo do pressuposto apresentado por Nogueira Junior e pela reflexão reafirmada por Suertegaray, buscamos neste trabalho apresentar como uma aula de geografia do 6º ano, com o tema “Os espaços da produção” e foco na atividade “Agricultura”, pode ser afrocentrada a partir da leitura de itans e integrada na perspectiva sociedade/natureza.

### **Ensinar e aprender Agricultura: reflexões**

Kaercher (1996, p. 109) afirma que “O homem faz geografia à medida que se faz humano, ser social.” Para o autor a relação sociedade-natureza é indissociável e eterna. “Entender como e porque os seres humanos modificam os espaços em que habitam conforme as relações sociais que estabelecem entre si são fundamentais, pois é a partir dela que se constroem as paisagens” (Ibidem) e para nós, paisagens imagéticas que podem ser lidas por meio de imagens, sons, novas experiências e desconstruções preconceituosas em novas falas e ações sobre um tema. A agricultura é um conteúdo básico no currículo geográfico, entender a diversidade de agriculturas pelas distintas bases históricas, políticas, sociais e culturais de diversos povos é o objetivo proposto. Não há que se fugir do conteúdo básico, e sim ampliar as possibilidades de aprendizado.

O professor inicia sua aula lembrando as aulas anteriores e, seguindo o guia de aula confeccionado para os estudantes, prossegue:

A natureza, o espaço geográfico e as atividades econômicas que o transformam são interpretados de diferentes maneiras pelas muitas culturas que enriquecem o nosso mundo. Podemos dizer que existem duas maneiras de entender a natureza e o espaço geográfico:

**1 – A primeira maneira enxerga a natureza e o espaço geográfico como um conjunto de recursos naturais e culturais, onde somente as pessoas possuem poder sobre eles.**

**2 – A segunda maneira entende a natureza e o espaço geográfico como um conjunto de energias e forças divinas, cheias de significados. Esta forma de olhar o mundo acredita que assim como nós influenciemos a natureza e o nosso espaço, eles também conseguem nos influenciar.** (MATERIAL ELABORADO PELO PROFESSOR, grifos do autor, 2018).

Após essa diferenciação, ele aponta a diversidade de deuses gregos e suas influências sobre a natureza, como um mito está associado as concepções de mundo de uma determinada



sociedade. Os alunos recordam alguns desses deuses, muitos associados a desenhos animados e filmes que retratam o tema, e assim, com esse canal de comunicação, o professor adentra a mitologia iorubá. Ele apresenta dois mitos para reflexão e aprofundamento de conteúdo. Segue o primeiro mito:

**Mito I - Ogum faz instrumentos agrícolas para Oxaguiã** (Adaptado da obra de Reginaldo Prandi)

Oxaguiã, rei de Ejigbô, o Elejigbô, chamado "Orixá-Comedor-de-inhame-pilado", inventou o pilão para saborear mais facilmente seus prediletos inhames. Todo o povo do seu reino adotou a sua preferência. Todo o povo de Ejigbô comia inhame pilado. E tanto se comia inhame em Ejigbô que já não se dava conta de plantá-lo. E assim, grande fome se abateu sobre o povo de Oxalá.

Oxaguiã foi consultar Exu, que o mandou fazer sacrifícios e procurar o ferreiro Ogum, que naquele tempo viva nas terras de Ijexá. "O que podia fazer Ogum para que o povo de Ejigbô tivesse mais inhame?", consultou Oxaguiã. Ogum pediu sacrifícios e logo deu a solução. Em sua forja, Ogum fez ferramentas de ferro.

Fez a enxada e o enxadão, a foice e a pá, fez o ancinho, o rastelo, o arado. "Leve isso para o seu povo, Elejigbô, e o trabalho na plantação vai ser mais fácil. Vão colher muitos inhames, mais do que agora quando plantam com as mãos", disse Ogum. E assim foi feito e nunca se plantou tanto inhame e nunca se colheu tanto inhame. E a fome acabou.

Material elaborado pelo professor, 2018.

Esse primeiro mito retrata uma perspectiva do uso da técnica. Nas relações entre o homem e a natureza, natureza essa em que o homem também o é, estabelece-se práticas espaciais. E são nas relações dessas práticas espaciais que se produz o espaço. A técnica é uma atividade humana e deveria ser adaptada para a construção de uma relação sociedade/natureza integrada: "Produz-se o inhame para acabar com a fome". A ideia do mito, além de apresentar uma leitura de mundo, é construir um pensamento crítico sobre o uso da técnica. Importante destacar a concepção do tempo na perspectiva crítica que aqui estamos a estabelecer e a figura dos mitos iorubás: tempo e espaço são indissociáveis para essa cultura e para nossa leitura geográfica também.

Para nós, a geografia deve entender o espaço geográfico como um processo resultante da maneira como os homens organizam sua vida e suas formas de produção em vinculação aos ritmos e tempos de cada sociedade. O espaço geográfico deve compreender a concepção de um espaço-tempo engendrados (SUERTEGARAY, 2017). Assim, o uso da técnica deve ser pensado e repensado, pois "a devastação do planeta pela técnica leva o homem a pensar na produção do espaço pela técnica" (BERNARDES; FERREIRA, 2008, p. 18). Os tempos, os



ritmos... “A relação com a natureza acompanha o desenvolvimento das relações sociais e, na medida em que estas são contraditórias, também o é a relação com a natureza” (SMITH, 1998, p. 85 *apud* BERNARDES; FERREIRA, 2008, p.22). Tempo e ritmos diferentes resultam em espaços produzidos diferentemente. Sigamos ao segundo mito:

**Mito II - Orixá Ocô cria a agricultura com a ajuda de Ogum** (Adaptado da obra de Reginaldo Prandi)

No princípio, havia um homem que se chamava Ocô, mas Ocô não fazia nada o dia todo, não havia o que fazer, simplesmente. Quando os alimentos na Terra escassearam, Olorum encarregou Ocô de fazer plantações, que plantassem inhame, pimenta, feijão e tudo mais que os homens comem.

Ocô gostou de sua missão, ficou todo orgulhoso, mas não tinha a menor ideia de como executá-la, até que viu, debaixo de uma palmeira, um rapaz que brincava na terra, com um graveto ele revolia a terra e cavava mais fundo, Ocô quis saber o que fazia o rapaz. “Preparando a terra para plantar, para plantar as sementes que darão as plantas”, explicou o rapaz de pele reluzente. “Que sementes, se nem plantas ainda há?”, perguntou incrédulo, Ocô. “Nada é impossível para Olodumare”, foi a resposta.

Começaram então a cavar juntos a terra, o graveto que usavam como ferramenta quebrou-se e passaram então a usar lascas de pedra, o trabalho, entretanto, não rendia e Ocô saiu a procura de alguma maneira mais prática.

Outro dia, quando Ocô voltou sem solução, o rapaz tinha feito fogo, protegendo-o com lascas de pedra, viram então que a pedra se derretia no fogo. A pedra líquida escorria em filetes que se solidificavam. “Que ótimo instrumento para cavar!”, descobriu efusivamente o inventivo rapaz. Ele pôde então usar o fogo e fazer lâminas daquela pedra, e modelar objetos cortantes e ferramentas pontiagudas.

Ele fez a enxada, a foice, e fez a faca e a espada e tudo o mais que desde então o homem faz de ferro para transformar a natureza e sobreviver. O rapaz era Ogum, o orixá do ferro. Juntos resolveram a terra e plantaram e os alimentos foram abundantes.

E a humanidade aprendeu a plantar com eles, cada família fez a sua plantação, sua fazenda, e na Terra não mais se padeceu de fome, e Ocô foi festejando como Orixá Ocô, o Orixá da Fazenda, da plantação, pois fazenda é o significado do nome Ocô.

E Ogum e Orixá Ocô foram homenageados e receberam sacrifícios como os patronos da agricultura, pois eles ensinaram o homem a plantar e assim superar a escassez de alimentos e derrotar a fome.

Material elaborado pelo professor, 2018.

O segundo mito segue a proposta do primeiro: usar a técnica para produzir um espaço integrado, uma “apropriação” dos recursos naturais baseada no valor de uso. Neste segundo mito, pode-se fazer uma referência também da divisão das terras por famílias, cada família com sua fazenda para plantar e viver. Em uma conjunta relação entre dois orixás, Ogum e Ocô, foi possível desenvolver a técnica da agricultura e dividi-la com o povo daquele reino.



Aqui podemos referenciar com a agricultura familiar. O espaço daquele lugar passa a possuir um valor:

O valor do espaço expressa-se na qualidade, quantidade e variedade de recursos naturais disponíveis numa dada porção terrestre. O valor do espaço engloba, portanto, os recursos naturais disponíveis e os recursos construídos por meio do trabalho, que é mediado e potencializado pela técnica, sem a qual o espaço não seria produzido (BERNARDES; FERREIRA, 2008, p. 21, 22).

A técnica contribui para valorar o espaço. A agricultura se dá na disputa pelo uso da técnica para melhorar a qualidade de vida (incluindo aqui a lógica da agricultura familiar, onde o excedente é vendido, mas a preços baixos e com qualidade), valor de uso, ou para lucrar com potencialidade de produção em massa a custos baixos com único objetivo de lucro, o valor de troca.

Esses dois mitos foram apresentados pelo professor dialogando o que é agricultura, o que é agricultura familiar, transformações da paisagem e a socialização da natureza, este último termo sinalizado por Suertegaray (2017), e para além da obrigatoriedade curricular da disciplina geografia, o professor propôs a seguinte reflexão: “Vocês acham que as histórias, mitos e lendas da mitologia iorubá são valorizadas da mesma forma que a cultura grega, romana, nórdica ou egípcia nos grandes filmes e séries?” As respostas foram muitas, sem perder a diversidade, apresentaremos algumas:

“Não, pois ela não é reconhecida igual as outras”. Aluno A

“Não, porque pessoas são racistas”. Aluno B

“Não, porque mesmo que todos se esforcem muito, ainda vão existir lugares e muitas pessoas que tem preconceito com as outras.” Aluno C

“Não, nunca tinha ouvido falar, achei interessante.” Aluno D

“Não, eu por exemplo, nem conhecia essa mitologia”. Aluno E

Essas respostas trazem indícios de como se faz importante novas leituras de mundo, para desconstruir preconceitos e alçar novos entendimentos culturais. Para finalizar a aula o professor pediu que os estudantes elaborassem um desenho retratando os dois mitos da cultura ioruba sobre agricultura que foram lidos como recurso pedagógico.

### **Representando o que se apreendeu**

[...] construções imagéticas são decorrentes da apreensão dos significados e subjetividades espaciais. Assim sendo, refletem a percepção e compreensão sociocultural dos indivíduos que as produzem perpassadas por diferentes



prismas em direção ao representativo / simbólico que se situa na base da relação sujeito /signo/ imagem. (KOZEL, 2009, p.1)

Compreendemos que a ciência geográfica possui um amplo potencial de debates e análises e a geografia das representações nos auxilia nessa reflexão proposta. A Geografia das representações nos permite compreender as especificidades do indivíduo sem negar o seu constructo social. Os signos que permeiam as distintas realidades são construídos socialmente ao longo da existência do indivíduo. “Portanto, a representação é aqui considerada como uma forma de linguagem impregnada de significados e valores sociais refletindo a realidade ou vivência social dos indivíduos” (KOZEL, 2009, p.1). Dessa forma, a representação, em desenhos ou mapas mentais<sup>4</sup>, do que foi apreendido por meio dos *itans* foram representados na interface entre cultura, identidade e alteridade, em que o diálogo estabelecido entre os conteúdos básicos de geografia e a cultura iorubá resultaram numa educação afrocentrada.

A partir dessa leitura da atividade, decodificaremos alguns desenhos que mais nos chamaram atenção:



Figura 1: Desenhos dos alunos sobre o mito 1

<sup>4</sup> Os mapas mentais, segundo Kozel (2009, p.1) são “uma forma de linguagem e podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores”, que podem ser lidos como construções sígnicas que requerem uma interpretação/decodificação, e devem ser compreendidas dentro do contexto em que os indivíduos estão inseridos, sejam eles sociais, espaciais e históricos coletivos referenciando particularidades e singularidades (KOZEL, 2010).

Fica nítido nos desenhos referentes ao mito 1 a relação com a produção do inhame. A fala de Ogum no *itan* se transforma em desenho: “Leve isso para o seu povo, Elejigbô, e o trabalho na plantação vai ser mais fácil. Vão colher muitos inhames, mais do que agora quando plantam com as mãos”. Os desenhos são resultados da construção imagética referente ao conteúdo ensinado e apreendido. Importante destacar que nos desenhos os alunos buscaram representar o próprio conto e o objeto central dele: o inhame. Assim, podemos afirmar que houve diálogo e construção de conhecimento.



Figura 2: Desenho dos alunos sobre o Mito 2

Nos desenhos expostos no mito 2 a referência se dá pelos instrumentos produzidos, a técnica produzida: enxada, a foice, a faca e a espada e o fogo. O orixá Ogum é representado no Mito 2 vinculado ao fogo e a produção de materiais para o trabalho agrícola. A representação exposta nos desenhos se vincula a essa leitura direta do mito, do *itan*.



Podemos destacar que nos dois desenhos o processo de representação foi mais relevante a partir da técnica do trabalho, os objetos e a produção do iname através da técnica. A Geografia das Representações permite elaborar um conhecimento espacial pelos sujeitos, em sua realidade engendrada, a partir do real e do imaginário, a partir dos conhecimentos pré-estabelecidos e os novos conhecimentos adquiridos, sempre num constante diálogo. Dessa forma, os desenhos são importantes para ilustrar que há possibilidades de diálogo entre os conteúdos geográficos e novas abordagens desses conteúdos a partir da afrocentricidade.

### **Considerações finais**

Este ensinar e aprender geografia se fez possível a partir das leituras dos *itans* que são carregados de signos e significados e que emergem em distintas representações e pluralidades perceptivas. A natureza da ciência geográfica é múltipla e repleta de representações que se apresentam em diferentes formas em sala de aula, seja pela vivência do professor ou do aluno. Assim, os recursos didáticos devem estabelecer pontes e construir rede de saberes, na proposta em análise, a ponte foi a ancestralidade iorubá e as redes foram com o currículo de geografia. A proposta aqui integra a possibilidade da aplicação da lei 10.639 na realização de uma aula de geografia afrocentrada, que se propõem a construir saberes diversos e novas formas de análise.

A partir das respostas que foram citadas em relação a pergunta exposta na página 7 contactamos que a insistência em falar de outras formas de ver e viver o mundo nas aulas de geografia são importantes e fundamentais. Além trazer uma nova dinâmica de aula, utilizando como recurso didático os contos mitológicos iorubás, os itans também construímos um aprendizado que desconstrói preconceitos e estabelece diálogos, assim como os autores aqui buscaram estabelecer diálogos entre a geografia que se aprendeu na universidade, a geografia que se ensina na educação básica e a geografia que aprendemos com nossos estudantes nesse processo constructo do conhecimento geográfico.

Há possibilidades diversas na *geografia* afrocentrada, há necessidade de reinventar novos recursos didáticos que permitam ensinar e aprender os conteúdos geográficos com compromisso social para além dos conteúdos básicos: a geografia pode servir como instrumento de combate ao racismo religioso. Nossa constatação se faz contundente pelo fato de reconhecermos os níveis alarmantes de casos de intolerância religiosa no Brasil e no Rio



de Janeiro, ataques a terreiros de candomblé e umbanda que são religiões fundamentadas na cultura iorubá. A geografia pode ter esse compromisso ético também. Quais lugares a ciência geográfica tem ocupado? Que geografia tem sido ensinada nas escolas? Quais geografias podemos ensinar nas escolas? Desta forma, deixamos aqui as possibilidades e limitações de apresentar uma prática educativa e uma reflexão acadêmica, que obviamente em limites de laudas não dão conta da amplitude do tema e da sua importância para se reescrever novas geografias da sala de aula.

### Referências bibliográficas

BERNARDES, Júlia Adão; FERREIRA, Francisco Pontes de Miranda. Sociedade e Natureza. In: CUNHA, Sandra Baptista da; GUERRA, Antonio José Teixeira (orgs.). **A questão ambiental: diferentes abordagens**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

KAERCHER, Nestor André. A geografia é nosso dia-a-dia, *In: Boletim Gaúcho de Geografia*, v. 21, p. 109-116, ago., 1996.

KOZEL, Salete. Representação do espaço sob a ótica, dos conceitos: mundo vivido e dialogismo. In: Encontro Nacional dos Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistências e de esperanças. 2010, Porto Alegre. **Anais do XVI ENG: AGB**. 11p. 2010.

\_\_\_\_\_. As linguagens do cotidiano como representações do espaço: uma proposta metodológica passível. In: XII ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA, 2009, Montivideo. **Memórias XII Encuentro de geógrafos de América Latina**, 2009.

NOGUEIRA JUNIOR, Renato. Afrocentricidade e Educação: princípios gerais para um currículo afrocentrado, *in Revista África e Africanidades*, v. III, p. 01-18, 2010.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Itan dos mais-velhos: (contos)**. Ilhéus, Ba : Editus, 2004.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos orixás**, São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

SOUZA, Eduardo Salete de. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar**. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM:

“Infância e Práticas Educativas”. Arquivo Mudi. 2007.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **(Re) Ligar a Geografia: Natureza e Sociedade**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2017.